

Rorschach e medidas de auto-relato: “dizemos mais do que podemos saber?”

Rorschach and self-report measures: “telling more than we can know?”

M. GONÇALVES - O. GONÇALVES¹

RESUMO

Esta investigação procura esclarecer o papel do auto-conhecimento como uma variável moderadora na avaliação da personalidade, comparando-se o teste Rorschach com várias medidas de auto-relato. Na amostra global, não se encontram relações significativas entre estes tipos de medidas. Contudo, quando se comparam duas amostras de indivíduos com auto-imagens contrastantes, diversas relações significativas foram encontradas na amostra caracterizada por: (1) comportamentos introspectivos médios e (2) auto-percepção ajustada. Estes resultados mostram que a congruência entre o teste Rorschach e as medidas de auto-relato ocorre só nas variáveis cognitivas e interpessoais. Não surgiram relações significativas nas variáveis da auto-percepção, nem nas variáveis emocionais. Estes resultados e as suas implicações são discutidos tendo em consideração (1) a congruência entre as medidas de auto-relato e o Rorschach, (2) a necessidade de utilizar variáveis moderadoras, como o auto-conhecimento e (3) os domínios (e.g., aspectos cognitivos, emocionais) que são mais acessíveis.

Palavras-chave

Teste Rorschach, medidas de auto-relato, auto-conhecimento.

ABSTRACT

The present research tries to address the role of self-knowledge as a mediating variable in personality assessment by comparing the results of Rorschach with several self-report measures. Globally, no significant differences were found between these two types of measures. However, when two samples of individuals with contrasting self-images are compared, several

¹ Agradecemos os comentários com que o Prof. Danilo Silva enriqueceu e versão preliminar deste artigo.

significant correlations were found in the sample characterized by: (1) medium introspective behavior; and (2) adjusted self-perception. The results show that the congruence between the Rorschach and the self-report measures occurs only within cognitive and interpersonal data. There were not significant relationships between emotional and self-perception data. These results and their implications are discussed in view of (1) the congruence between self-report measures and Rorschach, (2) the need to use moderator variables, like self-knowledge and (3) the domains (e.g., cognitive variables, emotional variables) that are more accessible to report.

Key-words

Rorschach test, self-report measures, self-knowledge.

1. OBJECTIVOS E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este estudo resultou do desenvolvimento de uma investigação exploratória realizada pelos autores (1994a) em que se encontraram relações significativas entre o teste de Rorschach e medidas de auto-relato. Globalmente não tinham sido encontradas relações significativas entre estes dois tipos de instrumentos, mas após a divisão da amostra em dois grupos com níveis distintos de estruturação da auto-imagem, várias correlações significativas surgiram no grupo constituído por pessoas que possuíam um auto-conhecimento mais diferenciado.

Estes dados foram analisados, tendo-se concluído que o auto-conhecimento tem um importante efeito mediador na relação entre medidas da personalidade (obtidas a partir do Rorschach) e o auto-relato das mesmas.

O objectivo deste estudo, é pois, esclarecer a existência/inexistência de relações entre uma amostra de comportamento — entendido aqui em sentido lato, isto é, incluindo não só variáveis comportamentais como também emocionais, cognitivas e relacionais —, obtida através do Rorschach, e medidas de auto-relato.

Este problema da relação entre uma amostra de comportamento e medidas de auto-relato remete-nos para a já clássica discussão em torno do conhecimento dos nossos processos e estados internos.

Acerca desta temática surgiu um interessante debate na literatura, iniciado em 1977 por Nisbett e Wilson. Numa extensa revisão da literatura, Nisbett e Wilson (1977) mostraram que, mesmo quando os sujeitos estão conscientes de um determinado estímulo e de uma resposta, podem não saber de que

forma o primeiro influenciou a segunda. Há, contudo, situações em que os sujeitos nem sequer têm noção de que foram influenciados por um estímulo ou de que produziram uma resposta.

A conclusão que Nisbett e Wilson retiram, a partir da revisão da literatura e das investigações realizadas por eles próprios, exprime-se em três asserções polémicas: (1) os sujeitos podem não ter consciência de um estímulo importante que influencie uma resposta; (2) os sujeitos podem não ter consciência da ocorrência de uma resposta; (3) mesmo quando têm consciência da ocorrência de um estímulo e de uma resposta podem não relacionar correctamente os dois elementos presentes.

A consequência resultante, em termos do valor da introspecção, é bem clara: “o acesso introspectivo, a existir, não é suficiente para produzir relatos adequados, acerca de estímulos críticos, em resposta a questões efectuadas poucos minutos ou segundos depois do estímulo ter sido processado e a resposta resultante produzida.” (Nisbett & Wilson, 1977, p.246).

Nesta perspectiva, se o acesso introspectivo é insuficiente para produzir qualquer efeito em questões que remetem para processos acabados de ocorrer, será totalmente incapaz de produzir relatos adequados de processos ocorridos há um período de tempo longo ou em resposta a questões relativas a padrões de comportamento (e.g., “sou uma pessoa muito controlada emocionalmente”).

Os estudos de Nisbett e Wilson (1977) oferecem uma solução teoricamente simples para o problema que nos ocupa, mas metodologicamente complexa — o acesso introspectivo a existir será reduzido. Outros investiga-

dores propuseram soluções menos radicais, admitindo que o acesso introspectivo é limitado (e.g., Ericson & Simon, 1980, Smith & Miller, 1978) — se não o fosse, para quê investigar em psicologia?, perguntavam Kraut e Lewis (1982) — mas não de todo impossível. Foi aliás Bowers (1984) que mostrou claramente que o que parecia ser uma limitação (dificuldade de acesso introspectivo), era afinal uma enorme capacidade do nosso sistema cognitivo de estar atento a informação fora do campo da consciência e de ser influenciado por acontecimentos de que não dispomos registos na nossa memória. Assim, a dificuldade de acesso introspectivo é afinal a outra face do processamento analógico e inconsciente da informação. Existem, pois, razões resultantes da própria estruturação do sistema cognitivo — designamo-las por aspectos estruturais (M. Gonçalves & O. Gonçalves, 1994b) — limitativas do auto-conhecimento. Como afirmam Jacoby, Lindsay e Toth (1992) “as dissociações entre testes directos e indirectos da memória ou da percepção são análogas às dissociações entre as medidas de auto-relato e os testes projectivos da personalidade. Em ambos os casos, o padrão de resultados é interpretado como tratando-se de influências inacessíveis à consciência e que tem efeitos sobre o pensamento e o comportamento.” (p. 802).

Mas, para além das razões de ordem estrutural, que são portanto comuns a todas as pessoas, existem aspectos do funcionamento particular de cada um que podem fixar limites ao que conhecemos de nós próprios. Designámos estas razões por funcionais (cf., M. Gonçalves & O. Gonçalves, 1995), dado que resultam de aspectos específicos da organização psicológica, tendo sido a auto-cons-

ciência um dos construtos mais estudados (cf. Buss, 1980). A avaliação da auto-consciência permite-nos diferenciar indivíduos que estão mais atentos ao seu próprio comportamento (privado ou público) e que assim podem possuir um conhecimento de si mais diferenciado ou mais elaborado. Estes aspectos funcionais têm sido descritos na literatura com a designação de variáveis moderadoras (e.g., Cheek, 1982; Wymer & Penner, 1985). Curiosamente, é raro ver articuladas as duas posições teóricas atrás referidas (debate sobre o acesso introspectivo e estudo das variáveis moderadoras), parecendo que elas se ignoram mutuamente. Assim, um segundo problema que se coloca neste estudo relaciona-se com a existência de variáveis moderadoras que potencializam a relação acima referida entre auto-relato e uma amostra de comportamento (Rorschach). Que variáveis são susceptíveis de aumentar a congruência entre auto-relato e Rorschach? Que características psicológicas estão associadas a estas variáveis? Qual o significado psicológico dessas variáveis?

Admitindo que, analogamente ao que aconteceu no estudo exploratório, encontraremos relações significativas entre o Rorschach e o auto-relato e que estas relações são mediadas por variáveis moderadoras, um terceiro problema que se coloca diz respeito aos domínios (e.g., cognitivos, emocionais) em que existem relações mais significativas entre o auto-relato e os indicadores comportamentais. Parece-nos que, se existirem diferenças marcadas entre estes domínios, estas poderão dar-nos informações importantes acerca da organização psicológica dos sujeitos.

Em síntese, neste estudo, comparamos uma amostra de comportamento - teste de

Rorschach - com medidas de auto-relato de variáveis análogas. Procuraremos compreender se existem variáveis moderadoras potencializadoras da relação entre aquelas medidas e se existem domínios (e.g., aspectos cognitivos, afectivos) em que essa relação é mais elevada.

2. AMOSTRA

Oitenta sujeitos participaram neste estudo, na sua maioria estudantes universitários do primeiro ano do curso de Psicologia das Universidades do Minho e do Porto (76% da amostra). Integraram também a amostra professores do ensino básico e secundário e outros elementos da população em geral, que foram contactados pessoalmente pelos admi-

nistradores dos testes. As idades dos sujeitos variam entre 18 e 53 anos (média=22.73; desvio padrão=7.77). Existem na amostra 17 elementos do sexo masculino e 63 do sexo feminino. Os níveis sócio-económicos variam entre o valor 1 (classe alta-alta) e o 5 (classe baixa-baixa) da Graffar, que considera 5 elementos na codificação deste nível: profissão (considerámos a dos pais no caso dos sujeitos estudantes), nível de instrução, fontes de rendimento familiar, conforto no alojamento e aspecto da zona de residência. O nível médio era de 1.99 (desvio padrão= 0.80), sendo, portanto na generalidade elevado. As habilitações eram também elevadas, sendo o mínimo 10 anos de ensino e o máximo 19 (média=13.46, desvio padrão=1.37).

Quadro 1.—Dados demográficos

N	Idade	Sexo	Habil. (anos)	N.S.E.
80	x = 22.73 dp = 7.77	masc. = 17 fem. = 63	x = 13,46 dp = 1.37	x = 1.99 dp = 0.80

3. INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados neste estudo foram o Rorschach, com o Sistema Integrativo² de Exner (1978, 1986, 1991) bem como os seguintes questionários de auto-relato: Questionário de Personalidade Rorschach (QPR); Inventário Clínico de

Auto-Conceito (ICAC); Escala de Atitudes Disfuncionais (DAS) e Inventário de Resolução de Problemas (IRP).

3.1. Teste de Rorschach

O Rorschach é conceptualizado como uma amostra de comportamento, susceptível

2 A designação aqui utilizada é a tradução que Silva (1986) propôs para "Comprehensive System".

de nos fornecer informações sobre a estruturação da personalidade (Exner, 1978, 1986, 1991).

Os dados representativos do sumário estrutural permitem avaliar um conjunto heterógeno de variáveis: coping e controlo, aspectos afectivos, cognitivos, dados relativos às auto-percepções e às percepções interpessoais.

A utilização, neste estudo, do sistema integrativo de Exner (ibidem) deve-se ao extenso trabalho de validação empírica que tem sido desenvolvido por Exner e col. (cf., Silva, 1983, 1986).

3.2. Instrumentos de auto-relato

3.2.1. I.C.A.C. - Inventário clínico de auto-conceito

O *Inventário Clínico de Auto-Conceito* é uma escala construída por Vaz Serra (1986), que avalia as dimensões emocionais e sociais do auto-conceito.

As 20 questões da escala estão organizadas numa escala de Likert de cinco pontos (desde “não concordo”, até “concordo totalmente”) e a construção do questionário está feita de forma a que quanto mais elevada a pontuação global melhor é o auto-conceito.

Do estudo factorial, com rotação varimax, resultaram seis factores responsáveis por 53.42 % da variância total. Quatro destes factores são bem definidos, enquanto os dois últimos são mistos (ibidem), pelo que só foram considerados os primeiros.

Estes 4 factores são:

aceitação/rejeição social (e.g., “Sei que sou uma pessoa simpática.”) - contribui para 20.12% da variância total;

auto-eficácia (e.g., “Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro

dificuldades.”) - contribui para 9.01% da variância total;

maturidade psicológica (e.g., “Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões.”) - contribui para 6.97% da variância total;

impulsividade-actividade (e.g., “Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática.”) - explica 6.2% da variância total.

O inventário tem uma acentuada estabilidade teste-reteste (0,791) e boa consistência interna (0,838; $p < 0.01$).

3.2.2. I.R.P. - Inventário de resolução de problemas

Este inventário, elaborado por Vaz Serra (1988), avalia as estratégias de coping, tendo como racional teórico de base o modelo de Monat e Lazarus (1985, cit. Vaz Serra, ibidem).

Entende-se por estratégias de coping a forma como as pessoas tentam reduzir o impacto das situações geradoras de stress.

Há basicamente três tipos de situações que mobilizam as aptidões de coping das pessoas: dano, ameaça e desafio (cf., Branco Vasco, 1985).

O I.R.P. contém três acontecimentos hipotéticos que pretendem avaliar como reagem os sujeitos às situações acima referidas.

A escala tem na totalidade 40 questões e está construída de forma a que quanto mais elevada é a nota global, maior é a capacidade de coping. As questões estão organizadas numa escala de Likert, desde “não concordo” até “concordo muitíssimo”.

O estudo factorial com rotação varimax evidenciou 9 factores (Vaz Serra, 1988):

1. *Pedido de Ajuda* (e.g., “Vou-me aconselhar com pessoas amigas para saber

- o que devo fazer.”) - contribui para 7.230% da variância total;
2. *Confronto e Resolução Activa dos Problemas* (e.g., “Ter sempre coragem de resolver os problemas da minha vida, mesmo que por vezes me incomodem bastante) - 9.399% da variância total;
 3. *Abandono Passivo* (e.g., “O melhor é não fazer nada, até ver onde isto vai parar”) - 4.854% da variância total;
 4. *Controlo Interno / Externo dos Problemas* (e.g., “Estou perdido; este acontecimento deu cabo da minha vida”) - 6.728% da variância total;
 5. *Estratégias de Controlo das Emoções* (e.g., “Raramente consigo passar sem tomar medicamentos que me acalmem”) - 4.621 % da variância total;
 6. *Atitude Activa de Não Interferência da Vida Quotidiana pelas Ocorrências* (e.g., “Não vou permitir que este acontecimento interfira no que tenho de fazer no meu dia-a-dia.” - 5.390% da variância total;
 7. *Agressividade Internalizada / Externalizada* (e.g., “Chego a bater em mim próprio.”) - 4.299% da variância total;
 8. *Auto-Responsabilização e Medo das Consequências* (e.g., “Se não me tivesse comportado daquela maneira isto nunca teria ocorrido; tive toda a culpa no que aconteceu.”) - 5.599% da variância total;
 9. *Confronto com o Problema e Planificação da Estratégia* (e.g., “Passo longas horas a ver televisão, sem querer fazer mais nada.”) - 3.604% da variância total.

O questionário tem uma correlação teste-reteste (1 mês) elevada (0.808) e a sua consistência interna é de 0.860.

Os estudos realizados demonstraram que há uma correlação elevada entre as notas globais do I.C.A.C. e do I.R.P. e que é possível prever a qualidade das estratégias de coping a partir do auto-conceito (Vaz Serra, Firmino & Ramalheira, 1988).

3.2.3. *D.A.S. - Escala de atitudes disfuncionais*

O DAS é um inventário, construído por Weissman (1978, cf. Gouveia, 1990), para avaliar atitudes disfuncionais, que nos modelos cognitivos são fundamentais na explicação da psicopatologia (Beck, Rush, Show & Emery, 1979). Inicialmente o DAS tinha 100 questões, mas uma revisão posterior permitiu identificar duas escalas - A e B (Gouveia, 1990). Utilizamos neste estudo a escala A, sendo constituída por 40 questões que estão organizadas numa escala de Likert de sete pontos. A versão portuguesa tem uma estabilidade teste-reteste de 0.67 e consistência interna de 0.840 (ibidem). Foi ainda realizada a validação concorrente com outras medidas cognitivas e uma análise factorial que permitiu identificar sete factores explicativos de 42.7% da variância total (ibidem). O questionário está construído de forma a que quanto mais elevada a pontuação global maior é o impacto das atitudes disfuncionais. Os sete factores referidos são (ibidem):

Omnipotência, aprovação pelos outros e perfeccionismo (e.g., “Quando alguém discorda de mim, é porque provavelmente não gosta de mim.”) - explica 8.265% da variância total;

Imperativos absolutistas (e.g., "Se eu não actuar sempre correctamente os outros não me respeitarão.") - 7.922% da variância;

Dependência/independência da aprovação pelos outros (e.g., "É muito importante aquilo que os outros pensam de nós.") - 7.373 % da variância;

Cognições adaptativas (e.g., "É possível ser repreendido sem ficar aborrecido.") - 4.252 % da variância;

Realização pelo trabalho e perfeccionismo (e.g., "Se eu falhar no meu trabalho sou um falhado como pessoa.") - 6.535 % da variância;

Enfrentamento adaptativo (e.g., "É proveitoso cometer erros porque posso aprender com eles.") - 4.048 % da variância; e

Autonomia pessoal (e.g., "O que eu penso acerca de mim próprio é mais importante do que as opiniões dos outros.") - 4.339 % da variância total.

3.2.4. Q.P.R. - Questionário de personalidade-Rorschach

O QPR (M. Gonçalves & Machado, 1995) é um questionário elaborado a partir das variáveis do sumário estrutural de Exner. As questões estão organizadas numa escala de Likert de 5 pontos, desde "discordo totalmente", até "concordo totalmente".

Para construir o questionário elaborou-se uma versão preliminar com 140 itens, que foram administrados sob a forma de reflexão falada, e depois enviados a psicólogos com prática no Rorschach, para averiguar a sua "face validity". O estudo factorial permitiu identificar 10 factores.

O QPR tem uma estabilidade temporal considerável, sendo as correlações ao fim de 4 a 5 meses altamente significativas para

todos os factores (média=0.644). Revela também uma validade convergente aceitável com outras medidas de auto-relato (ibidem). Os 10 factores explicam 53.8 % da variância total, distribuída da seguinte forma:

Factor 1 (7.069 da variância total) - *Introspecção Dolorosa* (e.g., "Quando penso sobre mim próprio dou conta de mais aspectos negativos do que positivos.");

Factor 2 (6.419 da variância total) - *Distorção Cognitiva* (e.g., "Interpreto bem o significado dos acontecimentos.");

Factor 3 (5.965 da variância total) - *Estratégias de Coping* (e.g., "Face a um problema, o que determina as minhas acções é o que eu sinto.");

Factor 4 (5.921 da variância total) - *Traço "Branca de Neve"* (e.g., "Os sonhos são o meu melhor refúgio.");

Factor 5 (5.906 da variância total) - *Reactividade Emocional* (e.g., "Evito situações em que me possa emocionar.");

Factor 6 (5.711 da variância total) - *Intimidade* (e.g., "O contacto físico com os outros incomoda-me.");

Factor 7 (5.099 da variância total) - *Narcisismo* (e.g., "Admiro-me muito.");

Factor 8 (4.011 da variância total) - *Capacidade de Modulação Emocional* (e.g., "Acho que sou uma pessoa muito controlada emocionalmente.");

Factor 9 (3.969 da variância total) - *Passividade e Dependência* (e.g., "Gosto de ser eu a decidir a minha vida.") e

Factor 10 (3.705 da variância total) - *Auto-Centração* (e.g., "Penso frequentemente sobre a minha maneira de ser.").

4. PROCEDIMENTOS

Depois de obtido o consentimento para a sua participação no estudo, todos os sujeitos foram submetidos ao seguinte procedimento: (1) administração individual do Rorschach; (2) administração individual dos questionários de auto-relato.

4.1. Codificadores

Psicólogos e finalistas de Psicologia com treino no sistema integrativo de Exner codificaram os protocolos Rorschach. A média de acordo inter-codificadores para todos os protocolos foi de 88%. O cálculo do acordo inter-codificadores foi realizado de forma percentual, tendo-se em consideração os elementos presentes na codificação de metade das respostas presentes em cada protocolo, que foram seleccionadas aleatoriamente (Exner, 1991).

4.2. Análise dos dados

Para comparar as diferentes medidas de auto-relato com o Rorschach foram utilizadas correlações produto-momento de Pearson, correlações de Spearman, testes t e análise de variância (ANOVA univariada).

Nas proporções do Rorschach (EB, FC:CF+C, Ma:Mp e a:p) foi possível utilizar correlações depois de ponderar as variáveis³, tendo-se realizado correlações de Pearson para as variáveis paramétricas (EB) e correlações de Spearman para as não paramétricas (FC:CF+C, Ma:Mp, a:p), depois da respectiva transformação em classes. Nas outras

variáveis consideradas (M-, FD, Lvl II, T, V, Wsum6, r) utilizaram-se testes t ou análise de variância, tendo em consideração os valores que determinam os seus significados psicológicos (Exner, 1991). As variáveis Afr., X-%, e índice de egocentricidade revelaram uma distribuição próxima da normal, o que possibilitou também o uso de correlações de Pearson.

Um problema que surgiu no tratamento dos dados, relativamente à comparação entre o Rorschach e os factores dos questionários, foi decidir que variáveis do primeiro relacionar com os segundos. Se bem que no QPR a relação entre aquelas variáveis seja simples de estabelecer, dado que o QPR tem como referência o próprio Rorschach, já nos outros questionários a identificação de uma rede de relações plausíveis foi mais difícil. Assim, parece-nos importante explicitar como foram categorizados os factores dos questionários, em função dos domínios do Rorschach que nos interessavam (aspectos cognitivos, afectivos, percepção de si e percepções interpersonais).

O critério utilizado foi mais prático do que teórico, dado que o que nos interessa são as variáveis do Rorschach que são susceptíveis de ter uma tradução directa nas medidas de auto-relato e assim revelarem um conhecimento acessível aos sujeitos.

Assim, os factores do QPR foram relacionados com variáveis semelhantes no Rorschach e o único cuidado que se teve foi o de não procurar ligações demasiado lineares.

³ Como as proporções envolvem sempre dois valores óptimos por subtrair o segundo ao primeiro, somando-se depois uma constante para não termos que trabalhar com valores negativos e dispormos assim de uma única variável.

res. Desta forma, por exemplo, a *introspecção dolorosa* não foi só relacionada com a variável de introspecção dolorosa no Rorschach (respostas **V**), mas também com outras dimensões da percepção de si (e.g., auto-centração, narcisismo).

Do ICAC utilizámos, para além da pontuação total, o factor relativo à *aceitação/rejeição social* e à *auto-eficácia*. Os dois factores restantes não foram usados dada a dificuldade em encontrar variáveis similares no Rorschach. Do nosso ponto de vista a *aceitação/rejeição social* é uma variável claramente interpessoal (respostas **T**), enquanto a *auto-eficácia* tem uma componente interpessoal (passividade e dependência no Rorschach) e outra cognitiva (traço “branca de neve”).

Os factores do DAS foram considerados claramente cognitivos e portanto relacionados com as variáveis do Rorschach que permitem avaliar a distorção perceptivo-media-tiva (e.g., $X_{-}/%$) e as desordens de pensamento (e.g., W_{sum6} , **M**).

O DAS, apesar de ser claramente uma medida de auto-relato, avalia a existência ou não de atitudes disfuncionais e não directamente a consciência que as pessoas têm daquela disfuncionalidade. Parece-nos contudo que, numa amostra desta natureza (elevado grau de habilitações), a formulação adoptada pelo questionário será necessariamente percebida pelos sujeitos como indicadora de funcionalidade (e.g., “é possível ser repreendido sem ficar aborrecido”) ou disfuncionalidade (e.g., “é difícil ser-se feliz se não se for bonito, inteligente, rico e criativo”), e assim, as respostas ao DAS traduzirão alguma consciência da funcionalidade ou disfuncionalidade de cognitiva do próprio.

Relativamente ao DAS, pareceu-nos ainda que a *dependência da aprovação* e *autonomia pessoal* tinham características marcadamente interpessoais, o que nos permitiu relacioná-las com as respostas de textura no Rorschach (respostas **T**).

Todos os factores do IRP, à excepção de três, foram considerados um misto de variáveis cognitivas (que relacionamos com o traço “branca de neve”) e interpessoais (que relacionamos com dependência e passividade no Rorschach). As três excepções referidas são as *estratégias de controlo das emoções*, a *agressividade internalizada*, e a *auto-responsabilização*. Os dois primeiros factores foram relacionados com as variáveis emocionais que consideramos no Rorschach (reactividade emocional, estratégias de **coping** emocionais - extratensividade -, e modulação emocional), enquanto para a terceira foi verificada a relação com a introspecção dolorosa, a qual parece ter uma componente de auto-responsabilização e culpabilidade.

5. RESULTADOS

A comparação global entre as medidas de auto-relato e o Rorschach revelou a existência de um número reduzido de relações significativas entre ambos. As correlações são, na generalidade, reduzidas e os testes de significância não permitem identificar grupos de variáveis com valores de auto-relato significativamente diferentes.

Face a estes resultados resolvemos dividir a amostra global em dois grupos, tendo em consideração os seguintes critérios: (1) Grupo 1 - Percepção de si próprio consistente [$(N=40) - H \geq (H) + (Hd) + Hd$ e $FD > 0$]; e Grupo 2 - Percepção de si próprio não consistente [$(N=40) - H < (H) + (Hd) + Hd$].

Esta divisão é suportada pelos estudos de Exner (1991) que verificam ter o grupo 1 uma auto-imagem menos baseada na fantasia e envolver-se em comportamentos introspectivos. O grupo 2 terá uma auto-imagem menos funcional, independentemente de ter ou não comportamentos introspectivos médios. O grupo 1 pode assim ser caracterizado como possuindo um auto-conhecimento superior ao segundo, o que se traduzirá também, segundo Exner (1986), na menor frequência de distorções das percepções interpessoais.

A primeira variável considerada, $H:(H)+Hd+(Hd)$, é, para Blatt e Lerner (1983), de extrema importância, sendo um dos critérios (diferenciação) utilizados na sua escala da representação de objecto. Segundo Blatt e Lerner (1983) as respostas humanas no Rorschach dão-nos importantes informações acerca da qualidade das representações de objecto, das auto-representações e da natureza das relações interpessoais. Para estes investigadores, não há qualquer dúvida de que as respostas humanas totais, H , implicam um nível de diferenciação das representações de objecto que é, de um ponto de vista desenvolvimental, superior ao das respostas parciais humanas, Hd , e respostas para-humanas, (H) e (Hd) .

Curiosamente também, a primeira variável (respostas humanas) parece de facto ser mais importante que a segunda (introspecção), dado que, na nossa amostra de origem⁴ existiam só cinco indivíduos que, tendo a primeira variável positiva, não possuíam a segunda.

Isto é, parece ser muito pouco frequente a coexistência de uma auto-imagem diferenciada com ausência de comportamentos introspectivos, sendo o inverso muito frequente, i.e., presença de uma auto-imagem pouco elaborada a coexistir com comportamentos medianamente introspectivos ou mesmo superiores à média. Assim optámos pela exclusão dos cinco indivíduos atrás referidos dado desconhecermos qual o significado psicológico da combinação das variáveis por estes apresentadas.

Há um importante e consistente dado empírico que reforça a ideia de que o critério de separação dos grupos é o nível de auto-conhecimento. Este dado resulta da procura de características que distinguem os dois grupos, tendo-se constatado que o grupo 1 possuía uma auto-centração superior no Rorschach (o índice de egocentricidade é superior no grupo 1 - $t=2.284$, $gl=78$, $p<0.05$) e nas medidas de auto-relato (factor de auto-centração do QPR é superior no grupo 1 - $t=2.573$, $gl=78$, $p<0.05$). Estas foram as únicas diferenças encontradas quando se compararam os dois grupos.

Os dois grupos não possuem diferenças significativas ao nível das variáveis demográficas, o que reforça ainda a ideia de que as diferenças eventualmente encontradas se devem a processos psicológicos (idade - $t=1.719$, $gl=78$, $p>0.05$; habilitações - $t=1.063$, $gl=78$, $p>0.05$; graffar - $t=-0.486$, $gl=78$, $p>0.05$; sexo - $\chi^2=1.00$, $p>0.05$).

Calculadas de novo as relações entre o Rorschach e as medidas de auto-relato, os

4 A mostra total contém cerca de 160 sujeitos donde foram retirados os únicos 40 que satisfaziam o primeiro critério e depois seleccionámos de forma aleatória outros 40, dos restantes 120.

resultados revelam que, no grupo 1, existem relações significativas e mesmo altamente significativas entre os dois tipos de instrumentos. No grupo 2 não se verificam estas relações significativas ou, se ocorrem, são de difícil interpretação.

Analisemos pois as relações encontradas entre o Rorschach e as medidas de auto-relato tendo em consideração os domínios significativos do Rorschach: afecto, “tríade” cogni-

tiva (i.e., processamento, mediação e ideação), percepções interpessoais e percepção de si.

5.1. Aspectos afectivos

Utilizámos três variáveis⁵ do Rorschach para analisar as suas relações com as medidas de auto-relato: reactividade emocional (Afr.), modulação das emoções (FC:CF+C e C puro) e estratégias emocionais de coping (EB - extratensividade).

Quadro 2.—Relações Auto-Relato — Rorschach. Aspectos afectivos

Questionários FC: CF + C	Estrat. de Coping Modulação Emoc. (Extratensividade) C puro			React. Emocional Nº de Relações					
	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2
I.R.P.									
Controlo das emoções	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Agressividade intern.	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
I.R.P.									
Estratégias de coping	ns	f=3.908*	ns	ns	ns	ns	ns	f=3.908*	ns
Reactividade emocional	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Modulação emocional	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
TOTAL DE RELAÇÕES	0	1	0	0	0	0	0	1	0
RELAÇÕES INVERTIDAS	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Amostra total (N=80) / Grupo 1 - amostra com elevado auto-conhecimento (N=40) / Grupo - amostra com reduzido autoconhecimento (N=40).

S - correlação de Spearman / P - correlação de Pearson / T - testes t / F - Anova

p < 0.005* / p < 0.01** / ns - não significativo

As relações invertidas, relativamente ao que seria de esperar, estão assinaladas através do sublinhado / nas células a cheião seria de esperar qualquer relação, como tal não se procedeu a qualquer análise.

Sempre que depois de um valor aparecer uma outra letra (S, R, T ou A) significa que aquela relação foi também confirmada por outra análise.

5 A escolha das variáveis do Rorschach foi efectuada em função dos factores que dispomos nos instrumentos de auto-relato.

Quadro 3.—Relações Auto-Relato — Rorschach. Aspectos cognitivos

questionários Wsum6	Desordens Ideativas "branca de neve" dist. perceptiva M-									
	Nº DE RELAÇÕES									
	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total
ICAC:										
Auto-eficacia	ns	s=.305*	ns							
DAS:										
Omnipotência				ns	p=.336*t	ns	ns	ns	ns	ns
Imperativos absolutistas				ns	t=2.572*	ns	ns	ns	ns	ns
Dependência da aprovação				ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Cognições adaptativas				ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Perfeccionismo				ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Enfrentamento adaptativo				ns	ns	ns	ns	t=2.968**	ns	ns
Autonomia pessoal				ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
DAS TOTAL				t=2.593*	t=1.142* ^p	ns	ns	ns	ns	ns
IRP:										
Pedido de Ajuda	ns	s=.341*	ns							
Confronto activo	ns	t=2.347*	ns							
Abandono Passivo	ns	ns	t=2.451*							
Controlo interno	ns	ns	ns							
Contolo das emoções										
Não interferência	ns	ns	ns							
Agressividade intern.										
Auto-responsabilização										
Confronto com o problema	ns	ns	ns							
IRP TOTAL	ns	ns	ns							
QPR:										
Distorção Cognitiva				ns	ns	ns	t=2.271*	t=2.237*	ns	ns
Traço "Branca de Neve"	ns	ns	s=.335*t							
Passividade e Dependência	ns	s=.321*	ns							
TOTAL DE RELAÇÕES	0	4	1	1	3	0	1	1	0	0
RELAÇÕES INVERTIDAS	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0

Quadro 3.—Relações Auto-Relato — Rorschach. Aspectos cognitivos (continuación)

Amostra total (N=80) / Grupo 1 - amostra com elevado auto-conhecimento (N=40) / Grupo - amostra com reduzido auto-conhecimento (N=40).

S - correlação de Spearman / P - correlação de Pearson / T - testes t / F - Anova

p < 0.005* / p < 0.01** / ns - não significativo

As relações invertidas, relativamente ao que seria de esperar, estão assinaladas através do sublinhado / nas células a cheião seria de esperar qualquer relação, como tal não se procedeu a qualquer análise.

Sempre que depois de um valor aparecer uma outra letra (S, R, T ou A) significa que aquela relação foi também confirmada por outra análise.

Neste domínio, no grupo 1, só se obtiveram duas relações significativas esperadas e curiosamente no mesmo factor, relativamente a duas variáveis do Rorschach (quadro 2). Trata-se das estratégias de coping no Rorschach e da modulação emocional que aparecem relacionados com o factor do Q.P.R. de estratégias de coping. A razão por que incluímos aqui, neste domínio as estratégias de coping é que nos referimos ao uso das emoções para resolver problemas e fazer frente a situações de stress (i.e., extratensividade). Não foram encontradas quaisquer outras relações significativas esperadas, nem no grupo 2, nem na amostra global.

5.2. Aspectos cognitivos

Deste domínio utilizámos três variáveis do Rorschach: distorção perceptivo-mediativa (X-%), desordens ideativas (Wsum6 e M) e excesso de fantasias passivas (Ma:Mp), o que Exner (1986) designa por “traço Branca de Neve”.

Na amostra total (quadro 3) surgem relações significativas em duas variáveis: a distorção perceptiva (X-%) com a pontuação global do DAS e as desordens ideativas (WSUM6 e M-) com a distorção cognitiva (QPR).

No grupo 1 surgem 10 relações significativas diferentes entre as medidas de auto-relato e as variáveis cognitivas do Rorschach:

- o traço “branca de neve” surge relacionado com o pedido de ajuda (IRP), com a passividade e dependência (QPR) e, negativamente, com o confronto activo (IRP) e com a auto-eficácia (ICAC);
- a distorção perceptiva aparece em relação com a onnipotência (DAS), os imperativos absolutistas (DAS) e com a pontuação total do DAS;
- as desordens ideativas relacionam-se com a pontuação total do DAS, com a dependência da aprovação (DAS) e negativamente com o enfrentamento adaptativo (DAS)

Finalmente, no grupo 2 só existe uma relação esperada, que surge quando se compara o traço “branca de neve” com o abandono passivo (IRP).

Surgem ainda duas relações invertidas, relativamente ao que seria de esperar, uma em cada um dos grupos. Assim, no grupo 1 as desordens ideativas aparecem negativamente relacionadas com a distorção cognitiva (QPR) e no grupo 2 o traço “branca de neve” apare-

ce negativamente correlacionado com o factor de “branca de neve” do QPR.

5.3. Percepção de si

Do domínio da percepção de si seleccionámos quatro variáveis do Rorschach: atitude introspectiva (FD), auto-centração (índice de egocentricidade), narcisismo (r) e introspecção dolorosa (Y).

Comparámos (quadro 4) estas variáveis com a pontuação total do ICAC, com três

factores do QPR (introspecção dolorosa, narcisismo e auto-centração) e com a auto-responsabilização (IRP), não surgindo qualquer relação em nenhum dos grupos.

Apesar da ausência de qualquer relação nestas variáveis, relembramos que os dois grupos se distinguem significativamente no factor 10 do QPR (auto-centração), tendo o grupo 1 obtido valores superiores ao grupo 2.

5.4. Percepções interpessoais

Quadro 4.—Relações Auto-Relato — Rorschach. Auto-Percepção

Questionários instrospecção	atitude introspectiva			auto-centração			narcisismo			
	Nº DE RELAÇÕES									
	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total
ICAC TOTAL				ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
QPR:										
Introspecção dolorosa	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Narcisismo	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
Auto-responsabilização	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns	ns
IRP:										
Auto-responsabilização										ns
TOTAL DE RELAÇÕES	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RELAÇÕES INVERTIDAS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Amostra total (N=80) / Grupo 1 - amostra com elevado auto-conhecimento (N=40) / Grupo - amostra com reduzido auto-conhecimento (N=40).

S - correlação de Spearman / P - correlação de Pearson / T - testes t / F - Anova

p < 0.005* / p < 0.01** / ns - não significativo

As relações invertidas, relativamente ao que seria de esperar, estão assinaladas através do sublinhado / nas células a cheião seria de esperar qualquer relação, como tal não se procedeu a qualquer análise.

Sempre que depois de um valor aparecer uma outra letra (S, R, T ou A) significa que aquela relação foi também confirmada por outra análise.

Foram consideradas três variáveis do Rorschach: carência de contacto (\bar{I}), dependência (\bar{E}) e passividade ($\bar{a:p}$).

Na amostra total, (quadro 5) não foi encontrada qualquer relação congruente ao nível da carência de contato ou da dependência, tendo surgido várias relações com a variável referente à passividade. A passividade surge positivamente relacionada com o abandono passivo (IRP), enquanto surge negativamente relacionada com a auto-eficácia (ICAC), o confronto activo (IRP), o controlo interno (IRP) e a pontuação total do IRP.

No grupo 1, existe uma relação entre a carência de contacto ($\bar{I} \geq 1$) e a dependência da aprovação (DAS). Também a passividade surge em relação com o pedido de ajuda (IRP) e negativamente relacionada com a auto-eficácia (ICAC). Por outro lado, a dependência relaciona-se negativamente com a atitude activa de não interferência (IRP).

Finalmente, no grupo 2, a passividade surge relacionada com o abandono passivo (IRP) e negativamente com o controlo interno (IRP).

Surgem, ainda, duas relações invertidas, relativamente ao que seria de esperar, uma na amostra global e outra no grupo 1, aparecendo ambas no relacionamento negativo entre dependência (Rorschach) e abandono passivo (IRP).

É de referir que sendo este o único domínio em que, na amostra total, encontramos um maior número de relações do que no grupo 1, todas estas surgem em torno de uma única variável do Rorschach (passividade), mantendo, por outro lado, o grupo 2 um menor número de relações relativamente ao grupo 1.

O quadro 6 proporciona uma visão global das relações encontradas entre as medidas de auto-relato e o Rorschach. Se bem que estatisticamente estes valores não tenham significado, dado que foram obtidos a partir da adição do número de relações encontradas para cada domínio específico e para cada grupo, fornecem-nos uma imagem de conjunto que permite uma leitura mais fácil dos dados. Assim, como se pode constatar, o grupo 1 tem mais do dobro de relações entre auto-relato e o teste de Rorschach, que as que aparecem na amostra total, e o grupo 2 tem menos de 1/5 do número de relações que surgem no grupo 1.

Por outro lado, é notório que, no grupo 1, o maior número de relações aparece no domínio cognitivo e o menor se verifica no domínio afectivo, não existindo nenhuma relação ao nível da percepção de si.

É de referir também que o impacto das relações que são contrárias ao que seria de esperar não diferencia claramente os grupos, dado que o seu valor é muito semelhante (uma na amostra total e duas em cada um dos sub-grupos).

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo foi conceptualizado a partir de três questões: (1) Existe alguma congruência entre uma amostra de comportamento (teste de Rorschach) e medidas análogas de auto-relato?; (2) Existem variáveis que potencializam essa congruência?; (3) Existem domínios (e.g., afectivos, cognitivos) em que a congruência entre amostra de comportamento (teste de Rorschach) e auto-relato seja claramente superior?

Vejamus cada uma destas questões.

Quadro 5.—Relações Auto-Relato — Rorschach. Percepções Interpessoais

questionários	Carência de contacto			Dependência			Passividade			Nº de Relações		
	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2
ICAC:												
Aceitação social	ns	ns	ns									
Auto-eficácia				ns	ns	ns	s=234*t	s=415**t	ns			
DAS:												
Dependência da aprovação	ns		ns									
Autonomia pessoal	ns	ns	ns									
IRP:												
Pedido de ajuda				ns	ns	ns	ns	s=413*t	ns			
Confronto activo				ns	ns	ns	s=246*	ns	ns			
Abandono passivo				<u>t=2.202*</u>	<u>t=2.587*</u>	ns	t=2.099*	ns	t=3.206**t			
Controlo interno				ns	ns	ns	t=2.299*	ns	t=2.103*			
Não interferência				ns	t=2.153*	ns	ns	ns	ns			
Confronto com o problema				ns	ns	ns	ns	ns	ns			
IRP TOTAL				ns	ns	ns	s=257*t	ns	ns			
QPR:												
Intimidade	ns	ns	ns	ns	ns	ns						
Passividade e dependência				ns	ns	ns	ns	ns	ns			
TOTAL DE RELAÇÕES	0	1	0	0	1	0	5	2	2	5	4	2
RELAÇÕES INVERTIDAS	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0

Amostra total (N=80) / Grupo 1 - amostra com elevado auto-conhecimento (N=40) / Grupo - amostra com reduzido auto-conhecimento (N=40).

S - correlação de Spearman / P - correlação de Pearson / T - testes t / F - Anova

p < 0.005* / p < 0.01** / ns - não significativo

As relações invertidas, relativamente ao que seria de esperar, estão assinaladas através do sublinhado / nas células a cheião seria de esperar qualquer relação, como tal não se procedeu a qualquer análise.

Sempre que depois de um valor aparecer uma outra letra (S, R, T ou A) significa que aquela relação foi também confirmada por outra análise.

Quadro 6.—Total das Relações Encontradas entre Auto-Relato e Rorschach

	Relações Esperadas			Relações Invertidas		
	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2	Amostra total	Grupo 1	Grupo 2
Aspectos cognitivos	2	10	1	0	1	1
Aspectos afectivos	0	2	0	0	0	0
Auto-Percepção	0	0	0	0	0	0
Percepções Interpessoais	5	4	2	1	1	1
Total	7	16	3	1	2	2

6.1. Relações entre amostra de comportamento (teste de Rorschach) e auto-relato

Os resultados apontam claramente para uma diferenciação significativa entre o grupo 1 e o grupo 2. Se bem que os valores do quadro 6 não sejam susceptíveis de uma leitura estatística, o número de relações que surgem no grupo 1, comparativamente ao grupo 2 permite-nos afirmar que no grupo 1 existe uma congruência muito superior entre as medidas de auto-relato e o Rorschach.

6.2. Variáveis moderadoras

Esta investigação apoia claramente a ideia de que existem variáveis funcionais que potencializam a congruência entre uma amostra de comportamento (teste de Rorschach) e medidas de auto-relato das mesmas dimensões.

Assim, relativamente às variáveis funcionais ou moderadoras, estes resultados reforçam a utilização de variáveis relacionadas com a auto-centração (e.g., auto-consciência, auto-monitorização).

Se bem que as variáveis moderadoras aqui usadas sejam diferentes das que vulgarmente são utilizadas, dado que foram as variáveis do Rorschach que nos permitiram fazer a separação dos grupos, temos boas razões para supor que se trata, mesmo assim, de um critério análogo à auto-consciência privada (Buss, 1980). As diferenças encontradas entre os dois grupos apontam precisamente neste sentido. Lembramos que as únicas diferenças que surgiram se situam no índice de egocentricidade (medida de auto-centração do Rorschach independente das variáveis que usamos para diferenciar os grupos) e no factor do QPR de auto-centração (QPR10). Estes dois resultados indicam claramente que o grupo 1 é mais auto-centrado que o segundo. É de referir também que alguns dos itens usados no questionário da auto-consciência (Buss, 1980) são muito semelhantes aos que existem no QPR10. Quando se compara, dentro dos grupos, este factor com a variável correspondente do Rorschach o resultado não é significativo. Contudo, a diferença significativa inter-grupos aponta no sentido da

existência de um conhecimento, ainda que difuso, do nível de auto-centração.

Sumariando, parece ser claro que o grupo 1 dispõe de uma maior auto-centração, o que potencializa as relações entre a auto-descrição e os indicadores presentes numa amostra de comportamento (teste de Rorschach). Estes dados tinham também já sido confirmados por outros autores a partir de outras metodologias (e.g., Buss, 1980; Cheek, 1982). Assim, estes resultados suportam a proposta teórica de que existirão variáveis funcionais explicativas da maior facilidade ou dificuldade de “acesso introspectivo”.

6.3. Acessibilidade das variáveis

Um outro problema que tínhamos colocado diz respeito aos domínios em que surgem relações mais significativas entre as medidas de auto-relato e o teste de Rorschach. Como se pode constatar, a congruência obtida pelo grupo 1 é claramente mais centrada nos aspectos cognitivos. A relação entre Rorschach e auto-relato é moderada nas percepções interpessoais e praticamente ausente nas variáveis emocionais e relativas à percepção de si. Estes dados reforçam a ideia de que existem domínios mais acessíveis aos sujeitos ou mais facilmente traduzidos em medidas de auto-relato.

Pensamos que estes dados são susceptíveis de três hipóteses interpretativas: (1) os sujeitos desconhecem, na generalidade, os seus aspectos emocionais e as características determinantes da sua percepção de si; (2) os sujeitos não desconhecem estas variáveis mas são incapazes de as traduzir verbalmente; (3) estas variáveis são totalmente inconsistentes e portanto não é de esperar qualquer congruência.

1ª hipótese interpretativa: “Não existe qualquer acesso às dimensões afectivas e relativas à percepção de si”.

Esta hipótese do total desconhecimento destas dimensões é legitimada teoricamente pela posição anti-introspeccionista de Nisbett e Wilson (1977).

As medidas de auto-relato utilizadas são claramente relatos estratégicos (Evans, 1980, 1981), isto é, relatos que se apoiam em questões que remetem para o “como” e para o “porquê” e, como tal, reflectem teorias apriorísticas acerca daquelas dimensões. Estas teorias traduzem o que, do ponto de vista dos sujeitos, está mais disponível na memória (i.e., saliência) e parece plausível na explicação do comportamento (Nisbett & Ross, 1980).

A hipótese anti-introspeccionista defende que, quando existe congruência entre os processos actuais e a sua descrição pelos sujeitos, isto não significa acesso introspectivo, mas uma coincidência entre as teorias e os processos que estão a ser avaliados.

Os nossos resultados revelam a existência de congruência entre auto-relato e amostra de comportamento (teste de Rorschach) em diversas variáveis cognitivas e algumas interpessoais. Uma das possíveis explicações, de acordo com os pressupostos defendidos previamente, é que estas dimensões sejam mais facilmente compreendidas pelos sujeitos. Não se trata de acesso introspectivo, mas de conhecimento daquelas variáveis através, por exemplo, da observação de regras de covariação ou de teorias idiossincráticas formuladas a partir de outras fontes de informação.

Curiosamente, os estudos mostram que as variáveis do Rorschach mais susceptíveis à

simulação de patologia séria são de facto as que se situam no domínio cognitivo (e.g., Wsum6) (Exner, 1991), o que implica que existe da parte dos sujeitos algum auto-conhecimento destas dimensões que lhes permite a simulação.

Parece-nos, pois, interessante que as variáveis em que existe maior congruência sejam precisamente as cognitivas. Relativamente aos aspectos emocionais, os modelos mais integrativos das emoções (cf., Greenberg & Safran, 1987), como a teoria de Leventhal (1980), propõem precisamente que as emoções são, em larga medida, sintetizadas a um nível pré-atencional. Como refere Leventhal (ibidem) a descrição dos estados emocionais reflecte as crenças que os indivíduos possuem acerca das emoções e não permite compreender um processo que opera, pelo menos parcialmente, fora da consciência. Os auto-relatos considerados são ainda mais complexos do que a descrição de um episódio emocional, dado que as perguntas se referem a padrões de comportamento.

Relativamente à ausência de correlações no domínio da percepção de si pensamos que uma das explicações possíveis é que os sujeitos tenham uma enorme dificuldade em se auto-definirem. As teorias mais recentes do self insistem no seu carácter desequilibrado, descentralizado e pouco definido (Gergen, 1992, Sampson, 1985, 1990). Assim, a incongruência nas variáveis da percepção de si pode ser adaptativa, ao contrário do que se depreende das teorias clássicas da identidade (e.g., Marcia, 1966). O self parece caracterizar-se pela multiplicidade (Markus & Nurius, 1986, Linville, 1987), pela incapacidade de se reduzir a um objecto e pela sua natureza projectiva (M. Gonçalves, 1996; M.

Gonçalves & Norris, 1996; O. Gonçalves, 1998). As teorias da identidade defendem o postulado de que, com o fim da adolescência, o jovem adulto deveria atingir uma identidade estável. No entanto, com a actual multiplicidade de contextos de vida (Gergen, ibidem), será provavelmente mais adaptativo viver em “crise” constante, não se chegando nunca a um self bem definido, individualizado e estável. O mundo pós-moderno está em constante mutação, tornando a flexibilidade e a adaptabilidade a diferentes contextos uma importante capacidade.

A explicação que propomos da ausência de congruência nos aspectos relativos à percepção de si pode provavelmente ser generalizada para explicar a congruência moderada nos aspectos interpessoais. Como refere o próprio Exner (1986), não é de esperar uma dissociação entre os aspectos da percepção de si e as percepções interpessoais, dado que estas dimensões estão intimamente relacionadas. Assim, a dificuldade de auto-definição é também certamente uma limitação à caracterização clara das nossas percepções interpessoais e da forma como nos conceptualizamos face aos outros.

2ª hipótese interpretativa: “Existe conhecimento destas variáveis mas uma incapacidade de tradução verbal”

Esta hipótese contempla a possibilidade das variáveis afectivas e relativas às percepções interpessoais serem conhecidas pelos indivíduos, mas mais difíceis de traduzir em relatos verbais do que as variáveis cognitivas.

Ericson e Simon (1980) tornam claro este pressuposto, ao defenderem que só a informação que se encontra na memória a curto-prazo e num formato verbal é susceptível de

ser relatada directamente. Estes teóricos postulam três níveis diferentes de relatos. Os relatos verbais que resultam da informação presente num formato verbal são relatos de nível 1. Os relatos de nível 2 são obtidos a partir de informação que se encontra disponível, mas não numa forma verbal. Finalmente, os relatos de nível 3 dizem respeito a informação que nem sequer se encontra disponível, o que obriga os indivíduos a realizarem inferências a partir da informação de que dispõem.

As nossas medidas de auto-relato são de nível 3, dado que implicam processos de abstracção e generalização.

Estes processos de generalização e abstracção, bem como o carácter lógico e quantificado das medidas, poderá dificultar a tradução proposicional de um conhecimento holista.

Como referem Lewicki, Hill e Czyzewska (1992), a propósito do acesso a informação procedimental, “mesmo que o acesso a este nível exista, pode não servir de nada, dada a sofisticação formal deste nível e dado que a velocidade deste processamento excede largamente aqueles dos quais o pensamento controlado e consciente se pode aproximar.” (p.801).

Pensamos que, se utilizarmos a definição que Bowers (1984, 1987a, 1987b) propõe de inconsciente, a primeira hipótese é conciliável com a segunda. Para Bowers (ibidem) os determinantes inconscientes são, não só aqueles que não são notados, como também aqueles que sendo notados não são apreciados como tal. Assim, a incapacidade de tradução verbal poderia resultar num processo de inferência que conduz a resultados incongruentes com a amostra de comportamento. É

muito provável que este processo se realize de acordo com os princípios de saliência e plausibilidade da informação (Nisbett & Ross, 1980). Neste caso, não se trata de total desconhecimento, mas de atribuição de causalidade a outros elementos não determinantes, o que de acordo com a definição de Bowers (ibidem), constitui também uma influência inconsciente.

O problema que se coloca aqui é o da síntese entre a posição de que “dizemos mais do que sabemos” (Nisbett & Wilson, 1977) (primeira hipótese) com a concepção de que “sabemos mais do que podemos dizer” (White, 1988) (segunda hipótese). Sugerimos anteriormente (cf., M. Gonçalves & O. Gonçalves, 1994b) que o conceito de inconsciente permite integrar estas duas perspectivas, dado que o processamento analógico, pela sua natureza holista (O. Gonçalves, 1998), implica que o nosso conhecimento transcende o conhecimento verbalizável num dado momento. Assim, necessariamente, teremos que dizer mais do que sabemos, se formos questionados sobre informação não disponível.

As duas primeiras posições parecem, desta forma, apontar no sentido da natureza tácita e profunda (Greenberg & Safran, 1987; Guidano, 1991; Mahoney, 1991, O. Gonçalves, 1998) dos processos cognitivos. Assim, o conhecimento que dispomos dos aspectos emocionais e relativos à percepção de si seria mais tácito do que explícito, dado que estas variáveis seriam totalmente inacessíveis (1ª hipótese) ou teriam dificultada a sua tradução verbal (2ª hipótese).

Uma importante implicação é que a primeira e a segunda hipóteses reforçam a concepção de que o processamento analógico da

informação é uma importante razão estrutural para os limites ao auto-conhecimento.

3ª hipótese interpretativa: “Estas variáveis são totalmente inconstantes e portanto não é de esperar qualquer congruência”.

A terceira posição inscreve-se numa perspectiva *situacionista*, de que Mischel (cf., Cabral, 1986) foi o mais importante representante. Nos anos sessenta Mischel mostrou que a consistência trans-situacional dos comportamentos era significativa nas variáveis cognitivas, mas muito reduzida noutro tipo de variáveis (e.g., emocionais). Mischel argumentava que o comportamento não era estável porque dependia das situações que o suscitavam. As críticas de Mischel foram muito importantes, dado que mostraram que não há uma relação linear entre os construtos que os psicólogos avaliam e o comportamento actual ou futuro das pessoas. Contudo, o situacionismo radical de Mischel tem sido criticado por inúmeros autores (cf., Kenrick & Funder, 1988), que têm demonstrado empiricamente a sua inadequação. Efectivamente, o modelo de Mischel, inscrevendo-se no paradigma da aprendizagem social, não poderia valorizar os aspectos estáveis do comportamento. Estes viriam a ser novamente considerados, com a evolução dos modelos cognitivos, sendo a difundida noção de *esquema* ou *estrutura cognitiva* (e.g., Guidano, 1987; Mahoney, 1991), incompatível com a ideia de que o comportamento é somente dependente da variabilidade situacional.

O que, na nossa opinião, torna difícil uma explicação estritamente situacionista é que, de um ponto de vista comportamental estas variáveis possuem alguma estabilidade (veja-

se, por exemplo, os valores de teste-reteste do Rorschach). Assim, a “instabilidade” poderá ser mais suscitada pela multipotencialidade do self do que propriamente pela falta de estabilidade comportamental.

Dada a natureza deste estudo, nenhuma destas hipóteses é susceptível de ser “comprovada”. O que nos parece mais importante destacar é que, mesmo em pessoas com elevada auto-centração (como os sujeitos do grupo 1), as variáveis que estão de acordo com uma amostra de comportamento (teste de Rorschach) são somente as de natureza cognitiva e algumas interpessoais. Quase seria tentador afirmar que mesmo em pessoas com elevada auto-centração, a auto-imagem só se elabora a partir da “realidade” comportamental nos aspectos cognitivos.

Resta-nos discutir um dado curioso menos simples de analisar e para o qual não temos de momento explicação satisfatória. Trata-se da existência de relações invertidas entre o auto-relato e o Rorschach. Como se pode verificar, estas relações surgem nos dois sub-grupos e na amostra global, nos domínios cognitivo e interpessoal. Se bem que não tenhamos qualquer hipótese concreta que permita explicar estes dados é curioso que eles não permitam distinguir os grupos, dado que poderíamos talvez esperar encontrar um maior número de relações invertidas no grupo que possui um auto-conhecimento menos diferenciado. É evidente que se assim fosse os dados iriam predispor uma interpretação que considerasse estas relações como “erros” na auto-descrição.

Em síntese, o nosso estudo reforça a utilização de variáveis moderadoras relacionadas com a auto-centração quando se procura obter congruência entre uma amostra de com-

portamento (teste de Rorschach) e medidas de auto-relato. Na amostra mais auto-centrada, a congruência só existe praticamente nas variáveis cognitivas, sendo os outros domínios relativamente incongruentes (percepção de si, percepções interpessoais, aspectos emocionais). Esta incongruência parece ser o reflexo da incapacidade, por desconhecimento ou por dificuldade de tradução verbal, das pessoas proporcionarem relatos estratégicos destas dimensões, a partir do seu comportamento.

Em investigações futuras será pertinente estudar as relações existentes entre medidas de auto-relato e outros indicadores comportamentais, nomeadamente de natureza projectiva, o que poderá inclusivamente permitir o esclarecimento do próprio processo projectivo.

REFERÊNCIAS

- Beck, A.T., Rush, A.J., Shaw, B.F. & Emery, G. (1979). *Cognitive therapy of depression*. New York: Guilford.
- Blatt, S. & Lerner, H. (1983). The Psychological assessment of object representation. *Journal of Personality Assessment*, 47, 7-28.
- Bowers, K. (1987 a). *Three levels of consciousness: Implications for dissociation*. Paper presented at Symposium on “Psychological concepts and disorders: Reverberating implications”. Dalhousie University.
- Bowers, K. (1987 b). Revising the unconscious. *Canadian Psychology*, 28, 93-104.
- Bowers, K. (1984). On being unconsciously influenced and informed. In. K.S. Bowers & D. Meichenbaum (Eds.), *The unconscious reconsidered*. New York: J. Wiley.
- Branco Vasco, A. J. (1985). Coping: Dois modelos explicativos. *Jornal de Psicologia*, 4, 22-26..
- Buss, A. H. (1980). *Self-consciousness and social anxiety*. San Francisco: Freeman.
- Cabral, C. M. (1986). *El estudio de la personalidad humana: teoria e investigaciones de W. Mischel*. Barcelona: P.P.U.
- Cheek, J. M. (1982). Aggregation, moderator variables, and the validity of personality tests: a peer-rating study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 1254-1269.
- Ericson, K.A. & Simon, H.A. (1980). Verbal report as data. *Psychological Review*, 87, 215-251.
- Evans, J.St.B.T.(1980). Current issues in the psychology of reasoning. *British Journal of Psychology*, 71, 227-239.
- Evans, J.St.B.T.(1981). A reply to Morris. *British Journal of Psychology*, 72, 469-470.
- Exner, J.E. (1978). *The Rorschach: a comprehensive system (II): current research and advanced interpretation*. New York: John Wiley & Sons.
- Exner, J.E. (1986). *The Rorschach: a comprehensive system*. New York: John Wiley & Sons (2ª ed).
- Exner, J.E. (1991). *The Rorschach: a comprehensive system. Vol. 2: interpretation* (2ª ed). New York: Wiley.
- Gergen, K. J. (1992). *El yo saturado*. Barcelona: Paidós.
- Gonçalves, M. M. (1996). *Auto-conhecimento e acesso introspectivo: Do self reificado ao self narrativo*. Braga: CEEP (Centro de Estudos de Educação e Psicologia).
- Gonçalves, M. M. & O. F. Gonçalves (1994a). Personalidade e medidas de auto-relato: auto-conhecimento como variável moderadora. In M. M. Gonçalves (Ed.), *Rorschach na avaliação psicológica: aspectos teóricos e análise de casos*. Braga: SHO.
- Gonçalves, M. M. & Gonçalves, O. F. (1994b). Acesso introspectivo e “validade” das medidas de auto-relato: O retorno do inconsciente?. In L. Almeida & I. Ribeiro (Org.), *Avaliação psicológica: formas e contextos*. Braga: APPORT.

- Gonçalves, M. M & Machado, C. (1995). Q.P.R. - Questionário Personalidade- Rorschach. In L. S. Almeida, M. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *1ª Mostra de Instrumentos de Avaliação Psicológica em Portugal*. Apport: Braga.
- Gonçalves, M. M. & Gonçalves, O. F. (1995). Variáveis moderadoras da adequação das medidas de auto-relato: Aspectos funcionais explicativos das dificuldades de “acesso introspectivo”. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica.*, 2, 101-118
- Gonçalves, M. M. & Norris, N. (1996). Auto-conhecimento na Era pós-moderna: O fim da tirania da Lei de Delfos? *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 43-62.
- Gonçalves, O. F. (1998). *Terapia cognitiva narrativa*. Rio de Janeiro: Artes Médicas.
- Gouveia, J.P. (1990). *Factores cognitivos de vulnerabilidade para a depressão*. Coimbra: tese de doutoramento não publicada.
- Greenberg, L. S. & Safran, J. D. (1987). *Emotions in psychotherapy*. New York: Guilford.
- Guidano, V. F. (1991). *The self in process: Toward a post-rationalist cognitive therapy*. New York: Guilford.
- Jacoby, L. L., Lindsay, D. S. & Toth, J. P. (1992). Unconscious influences revealed: Attention, awareness, and control. *American Psychologist*, 47, 802-809.
- Kenrick, D.T. & Funder, D.C. (1988). Profiting From Controversy: Lessons From the Person-Situation Debate. *American Psychologist*, 43, 1, 23-34.
- Kraut, R. E. & Lewis, S. H. (1982). Person perception and self-awareness: knowledge of influences on one's own judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 448-460.
- Leventhal, H. (1980). Toward a comprehensive theory of emotion. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 13). New York: Academic Press.
- Lewicki, P., Hill, T. & Czyzewska, M. (1992). Nonconscious acquisition of information. *American Psychologist*, 47, 796-801.
- Linville, P. W. (1987). Self-complexity as a cognitive buffer against stress-related illness and depression. *Journal of personality and social psychology*, 4, 663-676.
- Mahoney, M.J. (1991). *Human changes processes: scientific foundations of psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Marcia, J. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Markus, H., & Nurius, P. (1986). Possible selves. *American Psychologist*, 41, 954-969.
- Nisbett, R. E. & Ross, L. D. (1980). *Human inference: strategies and shortcomings of social judgment*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Nisbett, R.E. & Wilson, T.D. (1977). Telling more than we can know: verbal reports on mental processes. *Psychological Review*, 84, 231-259.
- Sampson, E. E. (1985). The decentralization of identity: Toward a revised concept of personal and social order. *American Psychologist*, 40, 1203-1211.
- Sampson, E. E. (1990). Social psychology and social control. In I. Parker & J. Shotter (Eds.), *Deconstructing social psychology*. London: Routledge.

- Silva, D.R. (1983). Análise dos estudos sobre a validade do Rorschach em psicologia clínica. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 17,18 e 19, 71-118.
- Silva, D.R. (1986). Exner e a reposição do teste de Rorschach. *Revista Portuguesa de Psicologia*, XX, 135-168.
- Smith, E.R. & Miller, F.D. (1978). Limits on perception of cognitive processes: A reply to Nisbett and Wilson. *Psychological Review*, 85, 355-362.
- Vaz Serra, A. (1986). O inventário clínico de auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7, 67-84.
- Vaz Serra, A. (1988). Um estudo sobre o coping: o inventário de resolução de problemas. *Psiquiatria Clínica*, 9, 301-316.
- Vaz Serra, A., Firmino, H. & Ramalheira, C. (1988). Estratégias de coping e auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*, 9, 317-322.
- White, P.A. (1988). Knowing more about what we can tell: 'introspective access' and causal report accuracy 10 years later. *British Journal of Psychology*, 79, 13-45.
- Wymer, W. E. & Penner, L. A. (1985). Moderator variables and different types of predictability: Do you have a match? *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 1002-1015.